



## **Vozes da origem: trajetória e história do Ilê Fará Imorá Odé**

Moisés de Carvalho Porto  
Universidade Federal de Goiás  
moisesporto91@gmail.com

**Resumo:** O artigo pretende abordar sobre o processo de surgimento da comunidade de terreiro Ilê Fará Imorá Odé, além de apresentar ao leitor os enfrentamentos e projetos realizados pela comunidade de terreiro para que fosse possível seu surgimento no ano de 2013, para isto o artigo utiliza-se de entrevistas, afim de integrar as vozes da própria comunidade para que possamos entender este processo.

**Palavras-Chave:** Candomblé. História das Religiões. Religiões Afro-Brasileiras.

Antes de dissertar sobre o processo de surgimento do Fará Imorá Odé, gostaria de apontar brevemente sobre esta comunidade de terreiro. O Ilê Asé Fará Imorá Odé, é uma comunidade de terreiro que surge concretamente no ano de 2013 em Goiânia, mas que a princípio funcionou por algum tempo na residência do Babalorixá Marcos de Oxóssi, onde eram realizados alguns poucos rituais. Hoje a casa está mais consolidada e possui aproximadamente 100 pessoas, que frequentam e cultuam os Orixás, além dos simpatizantes e amigos da casa de axé, que tem nesse espaço um lugar para praticarem sua fé no mágico e nas divindades africanas.

O Ilê Asé Fará Imorá Odé é uma casa de culto aos orixás que possui um processo de construção que monta e estrutura seu sistema histórico envolvendo de antemão aqueles que acompanharam todo esse processo, toda essa trajetória até sua construção e inauguração no mês de outubro de 2013.

Ao analisar o terreiro panoramicamente, observa-se uma comunidade de terreiro que possui uma grande diversidade de pessoas, estas por sua vez ajudam no processo de formação da identidade da casa, na forma como esta se apresenta.

A comunidade tradicional Africana em questão, possui integrantes negros, brancos, pobres, universitários, comerciantes, professores, advogados, crianças, enfermeiros, ou seja, uma gama de indivíduos que tecem sua fisionomia, marcada predominantemente pela presença de mulheres e homens gays como demonstrado no quadro abaixo:

**Quadro 1 Integrantes do Ilê Asé Fará Imorá Odé segundo sua orientação sexual**

Integrantes	Quantidade
Mulheres Heterossexuais	34 (37%)
Mulheres Lésbicas	19 (21%)
Homens Heterossexuais	11 (12%)
Homens Gays	26 (29%)
<b>TOTAL</b>	
Integrantes heterossexuais	45 (50%)
Integrantes LGBT	45 (50%)
Total da casa	90 (100%)

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Pode-se verificar no quadro acima que a quantidade de integrantes LGBT é equiparada a quantidade de membros heterossexuais da comunidade, somando cinquenta por cento cada grupo, havendo assim certo equilíbrio dentro da comunidade objeto de pesquisa do estudo, mas que ainda assim é uma forte presença da comunidade LGBT no Ilê Asé Fará Imorá Odé.

Na observação etnográfica de outras casas ficou evidenciado essa mesma predominância de populações culturalmente excluídas, o que pode nos levar a discussão do aspecto inclusivo do candomblé. Em artigo intitulado *A comunidade LGBT no desdobramento da Língua Ioruba*, Luan Cruz e Raphael Tito abordam um pouco sobre a inserção da comunidade LGBT nas comunidades tradicionais Africanas:

Por ser o candomblé uma religião nascida de uma segregação sociorracial e associada, durante muito tempo, à feitiçaria e à magia negra, houve uma repulsa total a essa crença, e a religião, então, por se ver marginalizada, passou a não fazer as mesmas distinções e restrições que a sociedade lhe fazia. Nesse sentido, pode-se dizer que foi a “abertura de portas” para o ingresso dos homossexuais poderem dedicar-se a uma crença religiosa, sem que fossem discriminados ou tivessem de abdicar de sua orientação sexual em prol de um dogma religioso (CRUZ E TITO, 2016, p.16).

Pode ser averiguado que os autores trazem uma justificativa para a inserção do público LGBT nas comunidades Tradicionais Africanas, aparentemente motivada pela abertura dessas comunidades de terreiro a esses indivíduos que passam por discriminação e intolerância assim como passam as comunidades de terreiro. Apesar desta não ser a única justificativa é preciso entender que as comunidades tradicionais Africanas não possuem um conceito de pecado este por sua vez aplicado pelas religiões de cunho cristão. Entretanto, como esse debate foge ao escopo da pesquisa, não será aqui aprofundado.



O Ilê Asé Fará Imorá Odé, assim como inúmeras comunidades tradicionais de terreiro, possui esta característica inclusiva e, por isso, constitui um mosaico de integrantes que constroem e dão formato a estrutura da identidade da casa de santo.

A fim de conhecer esse processo que leva à estruturação da comunidade de terreiro, faz-se necessário ouvir e destacar aqui os relatos de alguns dos filhos do Babalorixá Marcos Torres que acompanharam essa trajetória que levaram ao surgimento do Ilê Asé Fará Imorá Odé para o desenvolver da pesquisa.

Neste caso suas vozes são de suma importância e, por isso, foram feitas uma série de entrevistas para levar ao entendimento da origem e trajetória dessa comunidade de terreiro, estas por sua vez serão inseridas através de trechos, com vistas a fundamentar esse processo histórico de criação que levou ao surgimento da referida comunidade de terreiro.

Para a elaboração das entrevistas é importante destacar a forma como foram dirigidas as mesmas e a quais pessoas foram entrevistadas. As entrevistas foram direcionadas principalmente aos membros da comunidade de terreiro que fizeram parte do processo de consolidação do Ilê Asé, assim sendo, foram escolhidos Natalia Borges de 36 anos que exerce o cargo de Yákekere na comunidade tradicional Africana; também fora entrevistada a Ekeji Jamile Torres de 31 anos; e por último o Ogã Alabé Allan Hahnemann 34 anos, todos esses participaram efetivamente do processo de consolidação do Ilê Asé Fará Imorá Odé e de todas as funções realizadas pela comunidade a fim de que houvesse a consolidação da mesma.

As entrevistas foram realizadas através de um questionário, este por sua vez elaborado pelo próprio pesquisador e orientador do trabalho. Para a coleta dos dados fora preciso a utilização do aparelho celular para que as entrevistas fossem gravadas. E logo após, foram transcritas. Estas podem ser averiguadas em anexo no trabalho, para que o leitor possa ter maior compreensão de como foram conduzidas as entrevistas.

É importante destacar que o Ilê Asé Fará Imorá Odé tem como sua liderança o Babalorixá Marcos Torres de Odé e que a comunidade de terreiro funcionava muito antes de sua construção e consolidação no ano de 2013 em sua residência, havendo ali



apenas algumas atividades, mais especificamente o que o referido babalorixá chama de culto aos egunguns ou giras de catiços (exus e pombo giras)<sup>1</sup>.

Quanto as atividades relacionadas ao candomblé, a casa era impossibilitada de realizar algumas funções, pois não havia neste caso um lugar apropriado e preparado para realização destas, exemplo disso são as obrigações de santo ou mais especificamente a raspagem de *yawôs*.

A iniciada e YáKekere apontada do Ilê Asé Fará Imorá Odé Natália Borges 36 anos, que não só como filha de santo, mas também como cargo que coordena as funções e demais cargos da casa e substitui o babalorixá na sua ausência, esteve e acompanhou parte desse processo de surgimento da casa. Ao ser entrevistada, evidencia um pouco desse processo de surgimento da comunidade de terreiro do Professor Marcos Torres e como as atividades funcionavam antes da sua consolidação:

Bem, quando entrei na casa, ela ainda funcionava numa varanda na casa do Babá, do meu babalorixá Professor Marcos Torres. Funcionava na varanda da casa dele e tinha aproximadamente umas dez, quinze pessoas na época, algumas dessas pessoas, elas já saíram da casa, mas no mais as outras, elas continuam até hoje. Desde então nós tínhamos reuniões semanais com as giras de catiços, que não tem nenhuma relação direta com o candomblé, como é conhecido o candomblé historicamente hoje. E a casa em si, a casa de santo em si foi constituída mesmo em 2013, em outubro de 2013 (depoimento pessoal para o pesquisador).

Ainda assim, como um terreiro improvisado e limitado, estruturalmente falando, para a realização de grande maioria das práticas ritualísticas do candomblé, por exemplo as iniciações no santo, haviam mesmo assim iniciados na casa, estes por sua vez foram iniciados na cidade de Águas Lindas, no entorno de Brasília, na casa do Babalorixá Djair, até então sacerdote do Babá Marcos Torres. Nesta época existiam poucos iniciados e frequentadores no terreiro improvisado, cerca de 10 a 15 pessoas, fora as pessoas que circulavam no terreiro neste período, mas que não se intitulavam pertencentes à casa.

Natália Borges 36 anos em seu depoimento diz:

Nós precisávamos de um espaço também para que pudéssemos fazer as iniciações das pessoas de uma forma mais fácil, porque sim, já haviam iniciados quando entrei na casa. E assim que entrei na casa já haviam três, e depois foram mais três que não foram nessa casa de santo que hoje está

---

<sup>1</sup> O culto aos Egunguns ou giras de catiços (exu, pombo gira) trata-se do culto aos ancestrais, este culto é praticado em grande maioria das casas de santo, tendo maior ênfase na umbanda.



instituída, era em Águas Lindas e foi por uma necessidade na época, mas há todo um desgaste financeiro e físico para o pessoal se deslocar até lá (depoimento pessoal para o pesquisador).

Como o terreiro ainda não havia se consolidado como casa e não havia forma de fazer iniciações, haviam apenas cinco *yawôs* e os cargos *Ekejis* e *Ogãs*, que não eram confirmados<sup>2</sup>. Desse modo, não havia uma hierarquia acentuada, porém, as regras e o respeito por aqueles que eram apontados e suspensos pelo Orixá dono e regente da casa, Oxóssi, eram considerados e cumpriam com suas obrigações religiosas normalmente.

Sendo assim, demonstra-se uma resistência da estrutura hierárquica do candomblé independente da casa ser assentada ou não. Neste caso, o depoimento da Ekeji Jamile Torres 31 anos, confirmada para o Orixá Oxum<sup>3</sup> há três anos, no mesmo ano da inauguração e consolidação da casa em 2013, afirma:

Moisés: Certo, e nesse percurso que você esteve desde 2008 a 2013, você pôde observar que já existia uma composição hierárquica da casa, existia uma composição mesmo a casa não sendo consolidada?

Jamile: Sim, candomblé é isso, né?! Tem-se uma hierarquia e ela é mantida independentemente de onde ela está, se é uma casa, né?!

Moisés: Sim!

Jamile: Tem-se uma hierarquia!

Moisés: Entendi!

Neste período ainda não haviam projetos que beneficiassem a comunidade diretamente, a não ser pela possibilidade daqueles que tinham interesse na religião e eram amparados pela casa do Babalorixá Marcos Torres, porém a casa já prestava de certa forma um apoio espiritual aqueles que buscavam sua ajuda e isso não pode deixar de lado, pois a ajuda e amparo espiritual prestado pela casa é de certa forma de benefício e apoio a sociedade.

Durante a entrevista com o Ogã Alabé<sup>4</sup> Allan Hahnemann 34 anos do Ilê Asé Fará Imorá Odé, podemos observar esta afirmação em sua fala e a valorização dos trabalhos espirituais prestados às pessoas, como algo a ser destacado como trabalho que

---

<sup>2</sup> Confirmado neste caso refere-se ao ato de iniciação, o mesmo que os *yawôs* passam, porém, os cargos *Ekejis* e *Ogãs* que não entram em transe no Orixá são apenas confirmados para o Orixá regente de suas cabeças, passando pelo processo muito parecido dos *Yawôs* só que um pouco mais reduzido e com *Orós* as vezes um pouco diferenciados.

<sup>3</sup> Orixá feminino relacionado as águas doces, fertilidades e a riqueza.

<sup>4</sup> Alabé: cargo masculino dado especificamente aos *Ogãs*, este cargo tem como função o toque e a cantiga das festas das casas de candomblé.



beneficiasse a comunidade interna e externa. Quanto à comunidade interna Allan destaca:

É o candomblé por si só, né?! O comportamento, o candomblé enquanto religião, eu entendo que ele constrói uma comunidade, né?! E isso já em tempos de tamanho individualismo que a gente vive, né?! Enfim, nesse estágio de selvageria aí, mesmo econômico e social, acho que o candomblé, ele permite isso. A construção de uma comunidade, um santuário mesmo, entendendo a comunidade como um santuário mesmo, um quilombo espiritual e material, né?! Então tem uma solidariedade muito grande entre os irmãos desde um que vai dar obrigação e pede ajuda aos outros da casa, que as pessoas ajudam, né?! (depoimento pessoal para o pesquisador)

É interessante a noção de comunidade que o Alabé Allan coloca em sua fala, uma comunidade que presta serviço àqueles que estão inseridos nela e que podem de certa forma contar com seu apoio, inclusive para a realização das suas obrigações espirituais dentro da própria casa de santo.

Além disso a comparação que Allan faz entre sua casa de santo e um quilombo, leva a entender que o Ilê Asé Fará Imorá Odé, e não somente este, mas outras comunidades tradicionais Africanas, é um espaço de refúgio e de amparo, para aqueles necessitam de ajuda na sua vida, tanto para enfrentar as intempéries da sociedade que possuem um cunho social e econômico majoritariamente desigual.

Esta noção de comunidade fica explícito nesta representação fotográfica dos membros da casa na Figura 1:



**Figura 1:** Registro fotográfico da comunidade do Ilê Axé Fará Imorá Odé  
**Fonte:** lo Hardy, 2016.

Esta fotografia foi tirada antes de começar uma festa de candomblé, o ponto máximo de encontro com os Orixás, momento de felicidade e de muita alegria para toda a comunidade de axé. Isto pode ser visto nos sorrisos e nos olhares de quem sabe o valor do que é cultivar Orixá, energia viva que percorre o mundo de ponta a ponta, nada do que existe no mundo é isento de Orixá, nem mesmo a morte.

A comunidade festeja com suas palmas, cantigas, toques, abraços e a união de fazer da comunidade tradicional Africana um lugar de encontro com a vida e com os irmãos, estes últimos cada qual do seu jeito e características, qualidades e defeitos demonstrando a pluralidade do que é ser humano.

Negros, brancos, pobres, ricos, homossexuais, heterossexuais, travestis, todos entram em uma única sintonia para festejar juntos os Orixás, colocando suas roupas, seus fios de conta construindo um mosaico de cores e de identidade, construindo uma visualidade do rito que direciona a uma performance da cultura da comunidade de terreiro construindo assim a identidade da comunidade de terreiro.

Mas como o objetivo do trabalho é analisar as fotografias de um ponto de vista técnico, além do seu valor sentimental e de valor, é necessário destacar que a fotografia apresenta-se como uma fotografia posada, a técnica utilizada para a retirada da fotografia, o que foge ao habitual, é que esta por sua vez fora retirada de cima para



baixo para que fosse possível fotografar todos os membros da comunidade presentes no momento em que a fotografia fora retirada, destacando assim, ou podendo remeter, a forma interna da comunidade que está diretamente interligada ao poder mágico da comunidade tradicional Africana.

É nesta mistura, demonstrada nesta fotografia acima, que ao juntar as pequenas peças que cada um representa, forma-se o registro e a petrificação do momento de felicidade para esta comunidade atravessando o tempo e o espaço. Phillippe Dubois ao fazer um a análise do ato fotográfico com a mitologia Grega, nos apresenta esta ideia da travessia do tempo e do espaço e da petrificação do eu com a figura mitológica Medusa. Segundo o autor:

A Medusa, portanto, tornada absolutamente inacessível àquela que não é possível olhar sem morrer, sem ser petrificado em estátua, transformando em objeto de representação – a Medusa era ela própria protegida por suas irmãs que vigiavam suas terras e, como diz ainda a Fábula, “compartilhavam o uso de um olho único” para garantir a vigilância (Dubois, 2003, p.148).

Verifica-se que ao comparar a figura mitológica Medusa à representação fotográfica, Dubois busca demonstrar que a representação fotográfica é o congelamento, petrificação do eu a partir do olhar do observador, este eu no caso da fotografia apresentada, seria toda essa comunidade eternizada a partir da representação fotográfica surgindo assim a construção da memória, havendo sempre uma mudança, ou a morte desse eu todas as vezes que for vista e olhada pelo espectador, mas, ainda assim, resulta na memória do Ilê Asé Fará Imorá Odé.

Quanto à comunidade externa, Hahnemann 34 anos cita algumas iniciativas que possuem tanto um cunho espiritual, quanto de projetos promovidos pelo Ilê Asé Fará Imorá Odé que agradam a comunidade externa, assim diz:

Allan 34 anos: “Então, isso rola muito. A própria comunidade, lá em casa sempre foi uma casa aberta, sempre recebeu todo mundo de portas abertas, né?! Tanto nas giras, nos trabalhos, nas festas dos Egunguns, como nas festas de candomblé. Enfim, com certeza tem um trabalho de comunidade que a gente faz esporadicamente em conversas, em grupos de estudos, palestras, né?!...nas oficinas também: de percussão do bloco do caçador, isso também incluiu muita gente, que as vezes está mais para tocar, mas que sabe que é do bloco que é feito em homenagem a casa, enfim!” (depoimento pessoal para o pesquisador)

Observa-se um empenho da comunidade de terreiro em promover atividades extras ao espiritual para garantir apoio a comunidade não orgânica da casa. Sendo assim, são promovidos projetos, cursos, grupos de estudo, palestras, oficinas, tudo isto são formas de levar conhecimento a comunidade, um trabalho que não possui apenas interesse de ganho financeiro, mas sim trazer conhecimento às pessoas que transitam na órbita do Ilê Asé e garantir a possibilidade dessas pessoas poderem tomar gosto pelo conhecimento, pela cultura, pela arte e afins.

O Bloco do Caçador, citado pelo Ogã Allan 34 anos, referencia muito esta ideia de levar outros modos de cultura à comunidade externa, priorizando uma conscientização étnico-racial para as pessoas que participam dos ensaios do bloco. Inúmeras vezes, durante os ensaios do Bloco do Caçador, várias pessoas não pertencentes a comunidade de terreiro se aproximam para apreciar os toques e os batuques, e veem como uma oportunidade de poderem participar do Bloco, de poder fazer parte de algo que tem vontade e sintam bem em fazer, juntando-se de forma indireta a comunidade do Ilê Asé Fará Imorá Odé.



**Figura 2:** Registro do Bloco do Caçador no Carnaval 2017 da Cidade de Goiás

**Fonte:** <https://www.facebook.com/blocodocacador/photos/pcb.1856288254619226/1856288031285915/?type=3&theater> Acesso em: 04 abr. 2017.



A fotografia acima representa um momento importante para a comunidade. O Bloco apresenta-se centralizado na fotografia, este por sua vez tem intencionalidade de evidenciar esta importância e dar destaque aos membros da comunidade de terreiro que estão inseridas no Bloco, além de apresentar a inserção da comunidade externa, ou seja, daqueles que estavam transitando na rua naquele momento, juntando-se ao Bloco do Caçador e caracterizando a resistência e o empoderamento de um povo.

Os membros apresentam-se vestidos com camisetas na cor branca e azul, esta última referenciando a cor do orixá Oxóssi, divindade patrona da comunidade de terreiro objeto da pesquisa, de forma simbólica, e de certa forma subjetiva, é possível verificar os elementos que caracterizam a comunidade de terreiro e sua identidade. Entretanto, o principal elemento representado na fotografia que traz o elemento identitário da comunidade e caráter de resistência é a mulher negra vestida de baiana no canto inferior esquerdo, esta por sua vez está trajada com peças da vestimenta do candomblé, trazendo em sua cabeça o Ojá<sup>5</sup>, o camisu<sup>6</sup>, o pano da costa<sup>7</sup> e, em suas mãos, carrega a bandeira do Bloco, que tem como símbolo principal o Ofá, representação de um arco e flecha, instrumento utilizado pelo Orixá rei de Ketu, Oxóssi, o grande caçador. A mulher por sua vez segue na frente do Bloco, mostrando a comunidade e a todos que a veem, para que o Bloco veio, qual é a intencionalidade do povo de axé em sua caminhada pelas ruas da cidade Goiás.

Este evento é um dos mais importantes da comunidade de terreiro, pois é em sua saída que os negros ancestrais gritam e clamam pela sua liberdade, além de embelezar as ruas da cidade de Goiás, com os sorrisos dos seus herdeiros, com as vestimentas, toques e batuques do candomblé e o axé dos Orixás.

Ao longo de três anos até a consolidação da casa de axé, O Babalorixá realizou atividades para angariar fundos para sua construção que se realiza em 2013. Tais atividades eram realizadas pelos filhos da casa, que se envolviam em todos os trabalhos necessários para sua realização, buscando assegurar o espaço físico sagrado da comunidade já constituída. Eventos, rifas, a contribuição mensal paga pelos membros,

---

<sup>5</sup> Pano usado na cabeça como torço, esta peça pode ser usada tanto pelas mulheres quanto para os homens.

<sup>6</sup> Peça de vestimenta utilizada pelas mulheres que lembra uma camiseta em tamanho menor.

<sup>7</sup> Pano da costa é uma das peças vestidas pelas mulheres, geralmente as mulheres do axé o usam cobrindo os seios por cima do camisu.



empréstimos bancários e por último e não menos importante o esforço e dedicação do Babalorixá em fundar a casa de Oxóssi<sup>8</sup>, rei de Ketu.

Jamile 31 anos, fala um pouco sobre essa jornada enfrentada pela comunidade de terreiro a fim de conseguirem o levantamento do Ilê Asé fará Imorá Odé em 2013:

Jamile: sim. Nós temos nossa feijoada que nós temos até hoje, feijoada sempre, assim, era o evento maior, com que a gente mais focou nela. Nós tivemos outras coisas, tinha as pessoas, temos até hoje, assim menos, temos pessoas amigos da casa, que ajudaram para que a gente consolidasse nosso Ilê, precisa disso até hoje (depoimento pessoal para o pesquisador).

Observa-se no depoimento da Ekeji Jamile 31, o empenho dos integrantes da casa com foco em conseguirem a construção da casa, isso demonstra efetivamente a noção de comunidade que o candomblé carrega, além disso, também a ajuda e apoio daqueles que acreditam e têm simpatia pela religião, os que podem ser chamados de amigos do axé, que fazem sua contribuição e ajudam de alguma maneira as comunidades Tradicionais Africanas. O Ilê Asé Fará Imorá Odé por sua vez é um exemplo de comunidade que recebeu inúmeras contribuições para que sua construção fosse realizada.

Não somente a Ekeji Jamile Esteu, mas também o Alabé Allan 34 anos, deixa claro essa movimentação dos membros da casa e inclusive aqueles que estavam dispostos a contribuírem com a comunidade de terreiro mesmo não fazendo parte dela, podendo ser observado neste trecho da entrevista:

Moisés: Allan, quais foram os recursos que a casa utilizou para ela se consolidar, as formas que ela utilizou para que ela pudesse se constituir casa realmente?

Allan: recursos financeiros que você fala?

Moisés: isso!

Allan: ah basicamente a comunhão da comunidade mesmo, vaquinha né? Muito compartilhamento de contas, inclusive o próprio pai de santo que se dispôs também de muito do seu patrimônio, além de seu tempo, do seu dinheiro mesmo, seu patrimônio. O Babá doou muito dinheiro para a casa, mas todos nós, sempre temos uma cota mensal que agente contribui até hoje desde a época de 2008, não tão organizado como está hoje, né?! Mas desde da época de 2008 já tinha uma cota que agente contribuía, lá mesmo no nosso escritório de advocacia quando o Cláudio, que é meu sócio, que é meu irmão de santo também, que também é ogã, Pejigã da casa, na época o Gustavo que também era Ogã da casa. A gente tinha um acordo de passar uma porcentagem até mesmo dos nossos ganhos mensais para a casa. Isso funcionou durante um período que se não me engano de 2010 até 2013, por

---

<sup>8</sup> Orixá masculino que mora nas matas e floretas, sua energia está relacionada a prosperidade e a caça, Oxóssi é o rei da nação Ketu.



aí, foi uns dois anos, três anos, uma experiência nossa mesma de contribuição.

Além dessa noção de comunidade na ação dos membros o Ilê Asé Fará Imorá Odé, observa-se as dificuldades que a casa enfrentou para que pudesse ser edificada. Em uma discussão mais ampla, é possível averiguar que as casas que cultuam religião de Matriz africana enfrentam grandes dificuldades em se edificarem, haja vista a ausência de lei específica que conceda benefícios para tanto. O que há nesse sentido são imunidades tributárias previstas constitucionalmente a todos templos, conforme artigo a seguir: “Art. 150. Sem prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: VI – instituir impostos sobre: b) templos de qualquer culto” (Constituição Federal, art. 150, inciso IV, B).

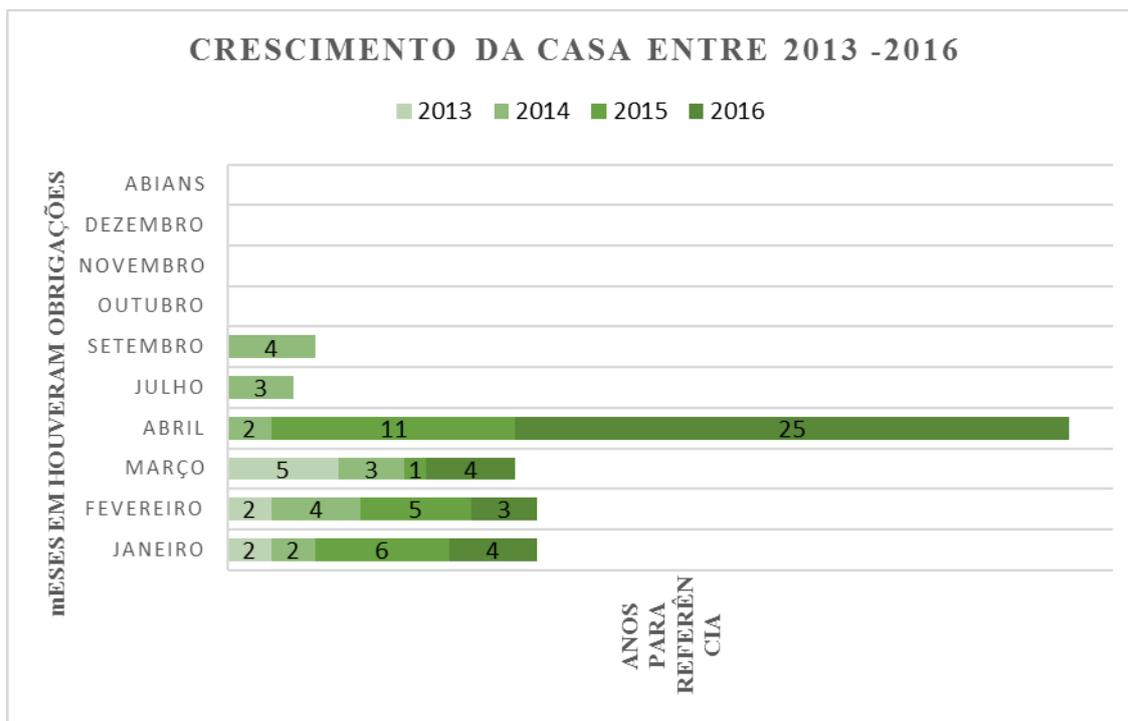
No entanto, em 2013 a casa entra em construção e no mês de outubro é fundada com a obrigação de 14 anos do Babalorixá Marcos Torres e da confirmação das ekejis Jamile Torres e Lorena Santana, primeiras Ekejis de Oxóssi confirmadas no solo sagrado do Ilê Asé Fará Imorá Odé. Desde então, inúmeras obrigações foram realizadas na comunidade de terreiro, cerca de dezessete obrigações, dentre elas nasceram os abiaxés<sup>9</sup> até o ano de 2016.

Observa-se que de 2013 até 2016 a casa cresceu significativamente havendo cerca de 56 iniciados e outros mais membros que estão a espera para iniciarem, além das pessoas que transitam na órbita da casa, seja para conhecer um pouco sobre a religião, seja para praticarem sua fé no sagrado dos Orixás. Isto fica explícito no gráfico a seguir:

---

<sup>9</sup>Abiaxé: crianças que já nasceram feitas no orixá, pois durante a gravidez a mãe passa pelo processo de iniciação ainda no momento em que estão sendo geradas.

Gráfico 1: Gráfico de crescimento dos participantes do Ilê Asé Fará Imorá Odé



Fonte: Elaborado por Moisés Porto com base nos dados do Ilê Asé Fará Imorá Odé.

Observando o gráfico<sup>10</sup> da casa acima, pode-se averiguar a quantidade crescente de obrigações e iniciações de 2013 a 2016, mas o que mais chama a atenção é a quantidade crescente de *abiãs* (pessoas não iniciadas) durante esse percurso temporal, demonstrando efetivamente que a comunidade de terreiro está em um processo de crescimento orgânico com possíveis quarenta e uma pessoas a serem iniciadas.

No ano 2016 a casa seguiu um grande fluxo de obrigações e atividades religiosas obrigatórias para as casas de santo, dentre elas festas de Ogum<sup>11</sup>, Oxóssi, Xangô<sup>12</sup> e Olubajé<sup>13</sup>, além das atividades que envolvem o culto aos Egunguns (exus e pombo giras). Esta última, pela sua regularidade, apresenta-se como a principal responsável pela entrada de membros na comunidade de terreiro. No fim, depara-se com cerca de

<sup>10</sup> A coleta de dados do gráfico em questão foi realizada através da consulta à lista do Babalorixá de membros e novos membros do Ilê Asé Fará Imorá Odé.

<sup>11</sup> Ogum: Orixá guerreiro do sexo masculino, está ligado a energia os metais e do ferro, muito ligado a Exu.

<sup>12</sup> Xangô: Orixá masculino ligado ao trovão raios e ao fogo, este orixá foi rei na cidade Africana Oyó.

<sup>13</sup> Olubajé: festa destinada ao Orixá masculino Omolu, senhor da terra e das mazelas e da cura.



mais de 100 pessoas integrantes do Ilê Asé Fará Imorá Odé desde seu surgimento, inauguração em 2013, até o ano de 2016.

Neste processo de consolidação de 2013 a 2016, a casa em questão pôde elaborar e realizar uma série de projetos, primeiramente com iniciativa do Babalorixá Marcos Torres, mas que foi abraçada por toda a comunidade de axé, uma vez que estes projetos beneficiariam tanto a comunidade interna quanto a comunidade externa que está em volta do terreiro, composta por frequentadores ocasionais e simpatizantes.

Sobre esses projetos, destaca-se sobretudo o surgimento do Instituto Fará Imorá, que se trata de um Instituto que beneficia a comunidade de terreiro e tem, também, como objetivo levar apoio e conhecimento a comunidade externa. Sobre esse assunto, o Ogã Alabé Allan 34 anos, também cita em sua entrevista:

Allan: Então, a gente formatou no ano passado em 2016, redigimos um estatuto, né?! E já registramos o Instituto Fará Imorá Odé, um Instituto ligado a casa de santo, com o objetivo exatamente nessa linha de promover atividades acadêmicas, científicas, culturais, lúdicas e também outros trabalhos ligados a comunidade, trabalhos sociais ligados a comunidade, a casa tem essa característica de ter uma grande quantidade de pessoas ligadas a universidade, desde graduandos, bacharelados, formados, bacharéis, mestres, doutores, né?!

É possível observar no Ilê Asé Fará Imorá Odé a presença de grande quantidade de membros acadêmicos, dentre esses graduandos, mestrados e doutorandos. As presenças desses indivíduos dentro da comunidade de terreiro de forma orgânica beneficiam o Ilê Asé e facilita a comunicação e articulação com as Universidades, o que viabiliza o trabalho do Instituto e realização dos seus projetos. Esta quantidade de pessoas inseridas na academia pode ser observada no quadro abaixo:

**Quadro 2 Quadro de Formação Acadêmica do Ilê Asé Fará Imorá Odé**

GRADUANDOS	19
GRADUADOS	13
ESPECIALISTAS	04
MESTRANDOS	02
MESTRES	05
DOCTORANDOS	01
DOCTORES	03

**Fonte:** Instituto Fará Imorá

Observando o quadro a cima, verifica-se o grande número de pessoas inseridas na universidade que, de certa forma, facilita o acesso à comunidade de axé a fazer



articulações com as universidades e com outras instituições públicas a fim de conseguir espaço nestas e tramitar benefícios para a comunidade. Por essa composição pode-se inferir ainda que na comunidade há uma valorização do conhecimento acadêmico, permitindo maior mobilidade social aos membros desta.

Allan Hahnemann ao ser entrevistado fala um pouco dos projetos realizados pelo Instituto Fará Imorá que, longe de estarem engessados apenas nas questões realizadas a Universidade, apresenta uma série de atividades culturais e lúdicas que beneficiam a comunidade no todo.

Allan 34 anos: “Não concorremos nenhum edital, mas temos a intensão de preparar, projetos para editais. Já lançamos agora nesse mês a revista IfiOdé, uma revista acadêmica para angariar artigos acadêmicos, uma revista eletrônica, fechou até um prazo agora no último dia sete para receber artigos na sua primeira edição. É também um momento histórico que a casa está vivendo nesse sentido, né?! E esse ano também inauguramos, batizamos o Bloco do Caçador que foi uma outra iniciativa cultural, lúdica também, de organizar um bloco de percussão para sair no carnaval de rua da cidade de Goiás. A gente teve uma grande ajuda do mestre Alemão, coordenador e presidente da associação Coró de Pau e a participação de vários integrantes do Coró de Pau nesse lançamento nosso. A Geovana também e a galera da casa de santo que abraçou a ideia de forma magnífica, fizemos uma saída brilhante e linda na cidade de Goiás com cerca de uns 60 percussionistas e fizemos muito barulho, muita movimentação, só elogios também, de fora a fora ao bloco!...é, sem sombra de dúvida foi mais um momento histórico, mais uma vitória, uma realização do sonho mesmo que era do pai de santo, meu, de uma galera de sair com uma galera na rua, e estamos pretendendo outras iniciativas também do bloco para esse ano, mais umas três, quatro tocadas grandes talvez no FICA, se preparando também para o carnaval do ano que vem, mas são iniciativas que a gente pretende também angariar recursos com ela, mas também outra forma de levar nossa cultura, né?! Nossos Orixás, as nossas histórias, nossos *itans*<sup>14</sup> para a rua. Que seja pela música, que seja pelas roupas, pelos artigos acadêmicos, então são todas formas de fortalecer o Instituto e dentro desse laço social, mas também são formas de angariar recursos, né?!” (Depoimento pessoal para o pesquisador)

Verifica-se que a iniciativa do Instituto Fará Imorá além de trazer ganhos a comunidade de terreiro e a comunidade externa, traz a esta primeira um ganho financeiro, além do intelectual, e se tem o objetivo de trazer mais visibilidade à casa de santo e o culto dos Orixás.

Também pode-se entender em alguns projetos como o Bloco do Caçador, a tentativa do Ilê Asé Fará Imorá Odé em fazer a disseminação dessa cultura negra como

---

<sup>14</sup> *Itans* são os mitos, as histórias vividas pelos Orixás. Passados oralmente de geração em geração, o *itan* afirma-se como fato histórico para as culturas iorubas.



um grito: um grito contra a intolerância religiosa e de propagação das tradições das religiões de Matriz Africana.

A partir das informações demonstradas anteriormente e as movimentações por parte da comunidade tradicional Africana em destaque, é possível observar os enfrentamentos e as dificuldades enfrentadas por esses grupos religiosos em se manterem em pé e conservarem suas tradições e identidades, e o Fará Imorá Odé pode ser um exemplo desta luta do existir e resistir da cultura tradicional africana no Brasil e em Goiás.

## Referências

CRUZ, Luan e TITO, Raphael. **A comunidade LGBT no Desdobramento da Língua Ioruba**, II congresso Internacional de Linguística e Filologia, XX Congresso Nacional de Linguística e Filologia. RJ, p. 9-21, 2016.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**; Mariana Appenzeller. -14ªed. - Campinas, SP: Papirus, 2012.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. SP; Madras, 2008.

TORRES, Marcos. **Olhos brancos sobre o sagrado negro** A construção da Africanidade nas imagens de Pierre Verger (1902-1996). 2015. Tese de doutorado- Universidade Federal de Goiás.

TORRES, Marcos. **O Silenciar dos atabaques**: Trajetória do Candomblé de Ketu em Goiânia.2009. Dissertação de mestrado- Universidade Católica de Goiás.

PARÉS, Luís Nicolau. **A formação do candomblé**: história e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados**: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.